

A UTILIZAÇÃO DE MEROSTACHYS NO ARTESANATO GUARANI MBYA E SUA VIABILIDADE NO MERCADO SUSTENTÁVEL

*The use of merostachy in the guarani mbya handigraft and its viability in
the sustainable market*

**Mauri Silvestre Spezia Junior, especialista, Universidade do Vale do Itajaí
(UNIVALI)**

mauri.spezia@yahoo.com.br

Marina Otte, mestre, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

marina_otte@terra.com.br

Resumo

O presente trabalho consiste em apresentar o uso de bambusáceas nativas do sul do país que foram durante séculos utilizadas por povos autóctones, principalmente o guarani mbyá, na fabricação de artesanato e como material construtivo. A utilização das espécies autóctones chama atenção para um estudo e uma análise da importância dada a elas pelos povos indígenas. O estudo está focado na revalorização da *Merostachys*, que é de importância econômica para o guarani e sua viabilidade para o mercado sustentável, dentro do qual será analisado três fatores importantes: o guarani e sua cultura, a biologia das bambusáceas e sua viabilidade como planta de reflorestamento, e viabilidade do artesanato guarani ser inserido no mercado sustentável de luxo. A introdução e consolidação deste produto pode significar a preservação da cultura desses povos.

Palavras-chave: Artesanato guarani; Sustentabilidade indígena; Taquara; Bambu

Abstract

This work is to present the use of native bambusáceas south of the country that have been used for centuries by indigenous peoples , especially the Mbya Guarani in craft making and as a building material. The use of indigenous species draws attention to a study and an analysis of the importance given to them by indigenous peoples. The study is focused on the revaluation of Merostachys , which is of economic importance to the Guarani and their viability for sustainable market within which will be analyzed three important factors : the Guarani and their culture, biology bambusáceas and its viability as plant reforestation, and viability of the Guarani handicrafts be inserted into sustainable luxury market.

Keywords: Guarani handicraft; Indigenous sustainable; Taquara; Bamboo

1. Introdução

O estado de Santa Catarina possui uma diversidade grande com relação a bambus e taquaras nativas, essas plantas foram utilizadas por índios guaranis, caingangues e xoklengues durante séculos para a fabricação de utensílios domésticos, e o gênero mais utilizado é o *Merostachys*, do qual extraem entrecasca para o artesanato e a planta inteira para cobertura de suas casas (no caso guaranis). A importância que dão a este gênero de taquara despertou o interesse na análise desta planta como potencial para a economia mbya guarani dentro de um modelo sustentável de desenvolvimento econômico visando um aprimoramento na obtenção do material através de reflorestamentos, e com isso uma porta aberta para o mercado da construção civil.

Como material tradicional dos mbyá guarani, ele carrega um significado mitológico e social importante dentro da aldeia, pois o fácil acesso aos recursos naturais caracteriza uma harmonia com o meio e a manutenção de práticas herdadas dos antepassados que outrora foi presenteada por *Nhanderu* (Deus). Com o avanço do agronegócio, a especulação de terras, e o esgotamento do meio fornecedor das matérias-primas, o guarani passa a sofrer restrições e necessidades, ele deixa, por exemplo, de utilizar alimentos e matéria-prima original para usar o que é do não-índio, a exemplo disso, vê-se a utilização do bambu exótico (*Bambusa tuldoides*), mais facilmente encontrado em beiras de estradas e pastagens, na elaboração de artesanatos de baixa qualidade.

A manutenção dos recursos naturais é sinônimo da manutenção da cultura guarani (*tekó*) e conseqüentemente a obtenção da autoestima e valorização do eu guarani.

Com o passar dos anos, os guaranis perderam a barreira da autodefesa em se resguardar do contato muito próximo com os não-índios para estabelecer uma relação de reciprocidade através da venda de artesanatos e obtenção de renda para suprir gastos com suas necessidades, isso abriu portas para um diálogo com o resto da sociedade e fez com que muitos guaranis se dispusessem a aprender algumas práticas do não-índio, seja no aprimoramento de técnicas agrícolas, construtivas e econômicas, e também educacionais, possibilitando um diálogo maior na questão do desenvolvimento sustentável.

Com a possibilidade de uma nova visão econômica por parte dos guaranis, a viabilidade de criar um vínculo com uma sociedade consumidora dos produtos guaranis torna-se possível, e assim estabelecido os guaranis como fornecedores e o mercado como receptor de bens, colocaria o produto guarani num patamar mais elevado em termos de valorização desse produto.

2. Desenvolvimento do Tema

2.1. Relação entre os Guaranis, a Sustentabilidade e o Uso da Merostachys

Anteriormente os indígenas conhecidos como guarani ocupavam um vasto território compreendido entre Misiones, na Argentina, passando pelo Paraguai, bacia do Rio Uruguai e Iguaçu, sul do Mato Grosso do Sul, Paraná e a depressão central do Rio Grande do Sul

(SCHADEN, 1962, p.19). No litoral havia um subgrupo conhecido como Carijó, e seu território começava no sul de São Paulo, em Cananéia, tendo como ponto austral a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Hoje, vivem esparsos nestas regiões acima citadas, a aculturação e a falta de espaços para a manutenção de sua cultura são dois dos diversos problemas enfrentados por este povo.

A sustentabilidade para o povo guarani é algo complexo, pouco entendido pela sociedade dominante e capitalista. Não se trata de uma política indigenista que visa lucros através do uso racional da natureza, pelo contrário, o tema está ligado a uma cosmologia própria, introvertida, não visível a sociedade não-indígena, e pouco compreendida até mesmo pelos órgãos ou entidades que atuam de forma solidária na organização econômica de uma aldeia.

Zanin (2006) ressalta que a sustentabilidade para o povo guarani está restrita ao nhanderekó, lit. nosso modo de ser, onde tudo está interligado, religião, cultura, modo de pensar e natureza.

A cosmovisão dos Guarani, motivada por uma mentalidade animista e religiosa, impede o desenvolvimento de uma economia baseada na noção de lucro privado, o que não é compreendido nem considerado pelo sistema capitalista. A economia de subsistência dos Guarani produz apenas para o consumo da própria família ou do grupo social, sem excedentes para o comércio. Nela, o sustento da vida, em sua maior parte, não é obtido por venda no mercado, inexistindo as leis da oferta e da procura. Entretanto, não se trata somente de uma produção para o consumo, mas sim de produção para o valor de consumo, pois existem trocas no interior da sociedade; trocas, estas, envolvendo bens de natureza básica à existência (bens utilitários). Uma produção para o valor de uso não exclui o aparecimento de uma rede de prestações na sociedade ou no interior da unidade doméstica; ao contrário, a produção para a "subsistência" prevê a realização de trocas, ainda que estas sejam com matizes sociais (obrigações e contra obrigações) e realizadas com produtos de primeira necessidade (AFONSO apud KÜLH, 2014, p.759).

Os materiais utilizados originalmente pelos guaranis em suas construções, artesanatos e utensílios domésticos são biodegradáveis, desta forma, sustentáveis quando o destino final dos resíduos, ou descarte de material, era o próprio ambiente e a quantidade de matéria-prima era maior que a procura por ela.

Hoje em algumas aldeias a falta de matéria-prima tradicional cria necessidades antes não vividas, o guarani sente a necessidade de adquirir produtos e materiais construtivos dos não-indígenas, havendo por um lado, uma ascensão social vista pela perspectiva guarani de submergir da margem da sociedade dominante, por outro, faz com que o mesmo viva de forma aculturada fora da sua sustentabilidade automática quando utilizava elementos tradicionais biodegradáveis.

No campo da construção, artesanato e utensílios domésticos, destaca-se a utilização da taquara-mansa, chamada *takuá* ou *takuaete'i* (*Merostachys sp.*). Ela tem um papel fundamental na vida dos indígenas, tanto a nível cosmológico, colocando a planta como elemento de sustentação da tradição e afinidades com *Nhanderu* (Deus), como a nível de versatilidade no uso dessa planta no dia a dia, sendo que em muitos locais ela tem sido usada indiscriminadamente na cobertura das habitações através do maceramento dos colmos,

inclusive tendo vantagens sobre as folhas de palmeira pela maior durabilidade, segundo relato em várias aldeias.

2.2. Biologia do *Merostachys* e Utilização

Seguindo o sistema APGII (SOUSA; LORENZI, 2005, p. 11), as taquaras e bambus estão classificadas da seguinte maneira:

Grupo Commelinales => Ordem Poales => Família Poaceae (Gramineae) => Subfamília Bambusoideae => Tribo Bambusaceae => Gênero *Apoclada*, *Bambusa*, *Merostachys*, *Guadua*, etc => Espécie *Guadua trinii*, *Merostachys multiramea*, etc.

Segundo McClure; Smith, 1967, Santa Catarina possuía 32 espécies de bambus naturais e exóticos, entre os quais estão espécies fortemente lenhosas de hábito cespitoso. As espécies levantadas em 1967 pelo mesmo autor denominadas bambus são:

Apoclada diversa, *Apoclada simplex*; *Aulonemia ulei*, *Aulonemia cingulata*, *Aulonemia intermedia*, *Aulonemia lanciflora*, *Aulonemia radiata*; *Bambusa tuldoides*, *Bambusa vulgaris* var. *vittata*, *Bambusa vulgaris*; *Chusquea anelytra*, *Chusquea bambusoides* var. *bambusoides*, *Chusquea bambusoides* var. *minor*, *Chusquea bambusoides*, *Chusquea capitata*, *Chusquea capituliflora* var. *capituliflora*, *Chusquea capituliflora* var. *pubescens*, *Chusquea capituliflora*, *Chusquea discolor*, *Chusquea gracilis*, *Chusquea ibiramae*, *Chusquea leptophylla*, *Chusquea meyeriana*, *Chusquea mimosa*, *Chusquea oxylepis*, *Chusquea peruviana*, *Chusquea ramosissima*, *Chusquea sellowii*, *Chusquea swallenii*, *Chusquea tenella*; *Guadua angustifolia*, *Guadua spinosissima*, *Guadua trinii*; *Merostachys ciliata*, *Merostachys glauca*, *Merostachys multiramea*, *Merostachys pluriflora*, *Merostachys speciosa*, *Merostachys ternata*, *Merostachys vestita*.

O gênero *Merostachys* foi descrito por Sprengel e seu nome tem origem do grego *meris/meros* que significa porção/ parte e *stachys* que significa espiga (QUATTROCCHI, 2006, apud SCHWARZBACH, 2008, p.36). Este gênero é o mais utilizado por povos indígenas, pelo menos na faixa que compreende sul e sudeste, sua funcionalidade e disponibilidade na natureza fez com que tivesse muita aceitação entre os mesmos e populações rurais não-indígenas, isso é atestado pela quantidade de fontes que citam o seu uso extensivo e sua qualidade como matéria-prima.

Das espécies de *Merostachys* apresentadas, a maior parte, ao que se sabe através de estudos botânicos, apresenta crescimento na sombra, ou seja, um crescimento não tão acelerado sob a sombra de outras plantas, somente a *M. pluriflora* Munro ex Camus e *M. multiramea* Hackel apresentam estado heliófilo, o que viabilizaria algum tipo de cultura fora da floresta com estas espécies. A *M. multiramea* contudo apresentaria uma distribuição mais representativa que a *M. pluriflora*, vegetando na bacia do Rio Uruguai, planalto, encosta atlântica e litoral (Klein, et al. 1981, p.152), sendo neste caso indiferente as condições de solo, o que representaria vantagens em relação a outras espécies de *Merostachys*.

Através de análises de campo feitas por pesquisadores de botânica e agronomia (Moreira, 2013; Santos et al., 2012; Schwarzbach et al., 2016), constatou-se que a *Merostachys multiramea* apresenta um maior crescimento quando exposta a luz solar através de clareiras na floresta ou vegetando em bordas da mata.

Segundo Moreira, 2013, foram realizados testes em populações de *Merostachys multiramea* no município de Vargem Bonita – SC, numa fazenda onde havia plantação de pinus e eucaliptos em meio a mata de araucárias (Floresta Ombrófila Mista), os resultados foram significativos quanto ao aumento do dossel nas populações que estavam na borda da mata, onde também apresentavam maior número de colmos, altura média e maior número de rebrotes por planta.

Segundo Schwarzbach, 2007, as plantas que se encontram na borda da mata recebem maior incidência de luz solar, com isso, aceleram seu metabolismo, pois sua biologia está associada ao ecossistema de regeneração de mata, assim desenvolvem-se melhor em clareiras abertas pelas retiradas ou quedas de árvores.

O ciclo de vida da *M. multiramea* está associado à sua florada, que acontece em 31-33 anos, onde toda a touceira seca e com isso nascem plântulas formando um novo ciclo. A princípio o total desaparecimento do taquaral após sua florada e frutificação parece ser algo negativo dentro de um sistema de cultivo e produção, porém, o rápido crescimento das plântulas em ambiente condicionado, no caso a clareira na floresta ou sob incidência de luz solar, favorecerá a espécie. É interessante colocar aqui a importância de se fazerem cultivos integrados com outras espécies de bambus, especialmente *Bambusa* e *Guadua*, utilizando estas em lugar daquelas que estão em regeneração. O uso de outras espécies de *Merostachys* também é viável, variando cultivos entre sombra e sol e garantindo a rotatividade da extração e desgaste das touceiras (Klein, 1981).

O cultivo para corte e venda de colmos de bambu, bem como o cultivo e venda de artesanato é uma realidade hoje no Brasil e está em crescimento, tanto na parte de movelaria, como na parte da construção civil. Essa cultura do bambu está ainda restrita ao cultivo de espécies exóticas como a *Bambusa* e *Dendrocalamus*, além disso, não é massivo, e tampouco atinge projetos voltado a gestão social e cultural indígena, principalmente quando se fala em cultivo de espécies nativas e elaboração de técnicas indígenas semiacabadas para indústria moveleira ou de design de interiores.

As associações e cooperativas são algo primordial na busca por valores e respeito dentro do mercado competitivo, infelizmente isso não acontece na prática por não haver ainda em muitos locais, uma padronização de sistemas de produção e extração dos bambus. Num levantamento feito por Schwarzbach, 2008, por exemplo, artesãos do Paraná, que trabalham com extração e produção de móveis e artesanatos de bambu e taquara, não possuíam vínculos com órgãos instituições, sendo livres em determinado ponto para fabricarem produtos que variam sua qualidade, porém suscetíveis a diversos fatores negativos.

É necessário haver no Brasil instituições que regem pesquisas, ensaios tecnológicos e que sejam de alguma maneira mais independentes para avançar no mercado nacional e internacional de forma mais agressiva e com produtos de qualidade.

2.3. A Economia Mbyá e Seu Artesanato

Segundo Bonamigo (2009) trabalho e atividade são algo distintos no entendimento guarani, a atividade está ligada a pesca, fabricação de artesanato, obtenção de comida, plantação, ou seja, tudo que não gera renda, diferente do trabalho, que está ligado a obtenção

de renda através da comercialização ou serviço. Antes da colonização do Brasil, os indígenas não sabiam o que era trabalho, pois tudo estava voltado às atividades de subsistência e troca.

Os guaranis de alguma maneira ainda guardam resquícios do antigo modo de pensar, e dessa maneira, a relação da aldeia – terra – mata é importante para manutenção do jeito de ser guarani que está ligado as regras e legado dos *tamõi* (avós, antepassados) e por extensão a *Nhanderu* (Deus) que foi o responsável pela criação dos antepassados.

O significado da terra para os guaranis difere-se em muito com o significado que os não-indígenas dão a mesma, pois “produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político religiosa essenciais para a vida guarani” (MELIÀ 2004 apud BONAMIGO 2009 p.184).

Durante muito tempo, o guarani que se instalou próximo as cidades litorâneas pouco apresentava interesse em manter relações de troca com a sociedade adjacente. A cosmologia e distinção de pensamento fazia com que o guarani mantivesse uma timidez exagerada como mecanismo de defesa frente à especulação não-indígena sobre sua cultura e religião. Com o passar do tempo e o acesso aos serviços públicos, a proximidade da cidade seja através dos meios de transporte, seja pelo crescimento urbano, os guaranis passaram a suprir suas necessidades com elementos não-indígenas. A falta de espaços adequados para as práticas tradicionais e a pressão da mídia pela aquisição de aparelhos celulares, moda, eletrodomésticos e dinheiro para outros tipos de atividades não tradicionais fizeram com que os guaranis passassem a necessitar cada vez mais da cidade, onde puderam vender seus artesanatos.

Apesar do risco que a proximidade com a sociedade não-indígena implica através da aculturação e mudança no modo de pensar guarani, o mesmo recria o universo cosmológico adaptando novas necessidades a sua cultura e incorpora elementos importantes para explicar uma conduta nova ou um acontecimento. Com isso, o comércio (venda de cds e artesanato) passa a fazer o papel de divulgador da cultura guarani, tão importante para o reconhecimento e valorização da mesma. O indígena se vê oferecendo algo de valioso para ele, em troca, o não-índio paga a quantia justa pelo trabalho, levando para casa não somente um objeto, mas sim algo de valor para o guarani (BONAMIGO, 2009).

De alguma forma, o guarani vê na figura do *djuruá* (não-índio) o inimigo que deve ser cativado por sua cultura e a venda de artesanato de alguma forma produz reciprocidade, sempre ressaltando a distância entre nós e eles, sendo assim, “há um entendimento de que é preciso estar perto do inimigo, negociar com ele, mas não se devorado por ele” (ASSIS, 2006 apud ASSIS, 2009).

Além de recriar novos valores pessoais e culturais, o guarani recria a matéria-prima quando esta não está mais disponível na natureza e também recria novas atribuições a objetos que agora não fazem mais parte da necessidade diária. O artesanato não é estanque, ele se aprimora de acordo com as necessidades atuais (TEIXEIRA, 2004 apud OLIVEIRA, 2015, p.20). O contato do artesão com produtos industrializados pode mudar a finalidade de um objeto tradicional (OLIVEIRA, 2015, p.21), uma vez que exista um cesto próprio para guardar alimentos e após descobrirem potes, geladeiras e produtos de plástico, perde sua atribuição original para servir como objeto de adorno, para guardar roupas ou livros. Desta forma, o artesanato ganha um valor histórico e cultural, a fim de não perderem o objeto, dão a ele novo uso, e muitas vezes características novas.

Lima (2005 apud OLIVEIRA, 2015, p. 22) diz que a integridade da matéria-prima deve ser respeitada, ainda que haja mudanças para aprimorar o produto ou atualizá-lo, pois o artesanato é feito à mão, e por isso tem suas imperfeições, tanto pela diversidade de formas que a matéria-prima possui, como pela falta de um molde, jamais podendo ser comparado com um produto industrializado. Falando do artesanato em geral, diz que com a pressão do mercado atual por design inovado, muitos artesanatos acabam sofrendo interferência do designer, que acaba criando um novo objeto, deixando de lado valores tradicionais (OLIVEIRA, 2015, p. 23). As mudanças e adaptações podem acontecer a fim de resgatar a tradição em comunidades desmotivadas ou com dificuldades na comercialização (OLIVEIRA, 2015, p. 24), tais mudanças poder dizer respeito a atualização dos produtos de maneira que não percam a tradição.



Figura 1: Tcheto ou karamenguã Fonte: GARCIA, 2008, p.77

2.4. Inserção do Artesanato Mbyá no Mercado de Luxo Sustentável

O artesanato guarani mbyá feito com lascas da entrecasca de taquara está direcionado basicamente à cestaria, na cestaria existe um elemento em comum que é o trançado provido do grafismo. Se for pensado o trançado independente da cestaria, poderia haver um novo nicho no modo de fazer o artesanato guarani, e uma nova forma de garantir a economia dos mesmos, e isso dependeria da capacidade dos guaranis de aceitarem a mudança, visto que já foi constatado anteriormente que algumas mudanças feitas no artesanato foram aceitas no consciente guarani através da necessidade de suprir as exigências do mercado *djuruá* (não-índio).

A utilização de trançados de taquara ou bambu na indústria moveleira e civil ainda é um campo pouco explorado, apesar de no passado o trançado ser utilizado tanto nos artefatos domésticos como esteiras, tipitis, forros de casas, balaies e armadilhas, hoje ganha moda como objeto exótico de adorno, ou no caso do trançado usado no forro, transforma o ambiente tornando ele mais rústico. Um novo nicho dentro da movelaria poderia estar ligado ao preenchimento dos moldes e estofamentos, dando textura e até caracterizando como inspiração indígena se a mesma textura possuir grafismos que remetem ao indigenismo.

O uso de elementos como o trançado fora do contexto da cestaria e ambiente guarani caracterizaria como artesanato, porém deixaria de ser tradicional para passara ser inovador, pois se utilizaria de elementos tradicionais em um contexto novo. Para que o trançado não perdesse o título de artesanato indígena seria necessário que o mesmo fosse elaborado dentro da aldeia através da extração da matéria-prima e seu desenvolvimento manual através dos mesmos guaranis, entregando a fábrica de móveis o elemento pronto para que sofra a segunda etapa do processo, que é a inserção do material dentro do mobiliário ou design de interiores.

O artesanato como o tradicional e o indígena já possuem um status diferenciado no mercado, pois eles carregam em si toda uma tradição e história embutida na sua forma ou modo de fazer. Mas o que fazer com aquele artesanato que se encontra desvalorizado, ou que não conseguiu ser absorvido pelo mercado? Bom, a agregação de valor pode ser uma boa estratégia para fazer o artesanato ter acesso ao mercado (BOTELHO, 2005, p.25).

O artesanato guarani hoje está acessível e de alguma forma vulgarizado, tudo porque é algo fácil de se conseguir devido à proximidade das aldeias com centros urbanos, com isso, o artesanato passa por um processo de aculturação, suprimindo as exigências dos *djuruá* e de alguma forma entrando num patamar de desvalorização, uma mercadoria de comum alcance feita de forma rápida e com produtos industrializados. Com o aprimoramento das técnicas, o resgate dos materiais, e corantes naturais, e a precisão e dedicação do guarani para fazer um objeto com mais tempo e com mais qualidade, abririam espaço para outro vetor, a cestaria mais elaborada com valor agregado maior.

Segundo Farias e Carvalho (2004), no marketing, há uma referência ao “valor”, que não está ligada à questão de preço. O conceito de valor é mais amplo que isto. “Valor” implica na compreensão de um outro conceito, o de percepção. A diferença entre as percepções dos clientes quanto aos benefícios e os custos das trocas comerciais pode ser um bom começo para a compreensão do conceito de valor. Logo, se o cliente percebe mais benefícios do que custos numa relação de troca, ele vê “valor superior” naquele produto (BOTELHO, 2005, p. 25).

A participação de designers no processo de valorização do produto é importante, visto que o mesmo deve buscar a otimização dos processos produtivos, tornando a produção mais ágil e competitiva (BOTELHO, 2005, p.28).

Seja cestaria ou somente o trançado, é importante ressaltar que a qualidade também está no modo como é condicionado o produto, desde sua fabricação até embalagem.

Uma questão importante que está diretamente ligada à produção, e a questão da qualidade. O termo de referência do PSA(2004:53) afirma que qualidade significa fazer a centésima peça como se fosse a primeira, no tamanho, no peso, na forma, na motivação do artesão, porém sempre preservado as pequenas diferenças que caracterizam os produtos artesanais, e que o fazem únicos e singulares. Essa “padronização” reflete positivamente na comercialização, pois aquele produto terá uma maior credibilidade no mercado, pois possui um padrão de qualidade, e terá uma facilidade na questão da embalagem (BOTELHO, 2005, p.30).

Vale lembrar que as associações têm um grande peso dentro do processo que vai desde o plantio até o mercado, são elas que garantem a unidade e diálogo entre comunidades, que

evitam que atravessadores usurpem valores sobre o produto, e são intermediadoras entre o micro (comunidade) e o macro (mercado).

Em meados dos anos 1970, o movimento de organização dos povos indígenas no Brasil apresenta um novo quadro de interesse por representatividade frente à sociedade nacional, lutando por seus direitos. Assim, as associações indígenas surgem como um instrumento legal de representatividade e uma resposta à sociedade nacional, já que se conforma como uma organização civil e jurídica das populações indígenas. O auxílio a essas novas instituições veio do financiamento, apoio e incentivo proporcionados por entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, como ONG's, Fundações, pastorais e particulares. Se, em meados dos anos 1970, no contexto amazônico, a existência de associações indígenas chegava ao número de uma dezena, isto se alterou significativamente nos anos seguintes. Segundo dados de PASSOS (2008), no ano de 2000, o número delas chegava a 180 e hoje aproxima-se de 500. (ASSIS, 2009).

Para uma produção sustentável, também é importante a figura do agrônomo, que orientará o plantio adequado das espécies de *Merostachys* fora do ambiente natural da floresta, e de novas técnicas de manejo e tratamento dos colmos; também será importante a figura do biólogo, que fará estudos botânicos sobre o manejo controlado de *Merostachys* que estão na mata. Embora já visto que é viável a produção de *Merostachys multiramea* Hackel fora de seu habitat natural, é imprescindível a rotatividade no uso de espécies, primeiro pela questão do ciclo, segundo para não exaurir a touceira, inviabilizando seu crescimento pela falta de colmos que ajudam a suportar uns aos outros (BOTELHO, 2005, p.26).

Com o artesanato guarani, seja ele trançado ou cestaria, carregado de valor histórico, simbólico e cultural, embasado num processo de manejo e uso sustentável de *Merostachys multiramea* Hackel, que é uma planta nativa, usada a séculos pelos guaranis para a fabricação de seus objetos e a implantação de uma revalorização, resgate e aprimoramento das técnicas tradicionais, tem-se aí produtos com mais valor de mercado, mais sofisticados e que garantirão a economia guarani mbyá, fortalecendo a cultura por rerepresentar o modelo mais puro de fabricação do artesanato, aumentando a estima e expectativa de vida dos mesmos.

Novos conceitos têm-se verificado no mercado de luxo, principalmente na questão simbólica e no processo de criação do objeto. Toda a carga simbólica que o artesanato guarani possui, e que já foi citado acima, juntamente com a preocupação socioambiental, garantem a viabilidade desse artesanato na esfera do luxo.

3. Conclusão

Hoje a aculturação e entrosamento do índio guarani mbyá com a sociedade envolvente é uma realidade irreversível, as cidades estão cada vez mais próximas as aldeias e a extração de matéria-prima torna-se cada vez mais difícil. O artesanato, por sua vez, tende a baixar a qualidade, e os guarani passarão a viver num ambiente progressivamente marginal e insalubre. O estudo sobre as diferentes espécies de bambusáceas, como visto no capítulo 6, viabiliza estudos posteriores para um melhoramento nas técnicas de obtenção da matéria-

prima, especialmente a *Merostachys*, que possui um valor histórico, simbólico e cultural muito forte para os guaranis.

É possível notar que o cultivo de *Merostachys multiramea* fora do habitat úmido e sombrio das florestas é viável, garantindo um uso disciplinado da espécie, e com rotatividade no corte com outras bambusáceas, o que ajudaria na garantia da sobrevivência da cultura de extração dos guaranis. Com isso, o cultivo de *Merostachys multiramea* poderia ser implantada facilmente nas aldeias guaranis que estão localizadas no sul e sudeste do país.

Com a obtenção da *Merostachys multiramea* como matéria-prima secular dos guaranis dentro das aldeias, favoreceria também a pureza do produto e melhoraria a autoestima dos índios a produzir produtos com mais qualidade, resgatando a essência do grupo.

A revalorização da cestaria guarani também se daria organizando artesãos dentro das aldeias através de associações, e implantando projetos com auxílio de profissionais na área do design e/ou arquitetura, que direcionariam os produtos para uma revalorização de mercado, introduzindo elementos como tintas naturais, aprimoramento no acabamento dos produtos, embalagens, e a venda do simbolismo e importância cultural que cada produto possui para os índios, dando espaço no mercado para um artesanato diferenciado do que hoje é vendido pelos índios guaranis, um artesanato raro, fino, puro e resgatado do passado. Dessa forma, o valor agregado ao produto acabado seria adquirido pela sustentabilidade social e ambiental, pela preciosidade através das técnicas resgatadas, história e simbolismo que a peça possui, e pelo aprimoramento e dinamismo mercadológico adquirido através de profissionais da área. Tais qualidades são imprescindíveis para entrar no mercado de luxo, cuja atenção está direcionada aos produtos exclusivos, autênticos, bem elaborados e carregados de valor simbólico e engajados na sustentabilidade.

É válido também lembrar que o artesanato está constituído de trançados compostos por grafismos, estes mesmos trançados poderiam entrar no mercado moveleiro através do mesmo processo que a cestaria, podendo ser um nicho para as atividades guaranis e um ganho econômico a mais para os mesmos. A partir dos estudos levantados neste trabalho sugere-se a continuidade dele aprofundando itens como: um inventário das técnicas artesanais guaranis dentro das diversas aldeias espalhadas pelo litoral do sul e sudeste, fazendo um comparativo com técnicas guaranis antigas registradas na literatura, manejo e técnicas de tratamento pós corte de *Merostachys* e seu dinamismo biológico com outras bambusáceas, análise de viabilidade na implantação de taquarais de cultivo em comunidades guaranis, e levantamento das aldeias propensas e abertas a receber o projeto de interferência no artesanato guarani.

Referências

ASSIS, A. M. DE, et al. Produção E Circulação Do Artesanato Na Aldeia Indígena Do Krukutu: Revalorização Dos Saberes Tradicionais. In: V Encontro de Grupos de Pesquisa. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2009. Disponível em: < w3.ufsm.br/gpet/.../Gabriela,%20Gihe,%20Antonio%20e%20Julio%20-%20USP.pdf > Acesso em: 24/07/2016.

BONAMIGO, Z. A Economia Dos Mbya-Guaranis: Trocas Entre Homens E Entre Deuses E Homens Na Ilha Da Cotinga, Em Paranaguá-PR. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009.

BOTELHO, V. S. Design E Artesanato: Um Estudo Comparativo Sobre Modelos De Intervenção. Monografia à Faculdade de Design. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em:< http://www.oimaginario.com.br/site/wp-content/uploads/Estudo_comparativo_modelos_intervencao%20-%20Vinicius%20Botelho.pdf > Acesso em: 24/07/2016.

GARCIA, M. L. A Mediação Intercultural Da Cestaria Guarani: A Aldeia Itaxi. Dissertação de Pós-graduação em Educação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em:< www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/luciagarcia.pdf > Acesso em: 23/07/2016.

KLEIN, R. M; WASSHAUSEN, D. C; SMITH, L. M. 1981. Gramíneas – 1. In: Reitz, R. (ed.) Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues.

KÜHL, G. E. S. Arquitetura e a construção do espaço Guarani no oeste do Paraná: um estudo de caso na comunidade Guarani Tekoha Añetete. Muitas Vozes. V3. N.1. Ponta Grossa, 2014. Disponível em:< http://revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/download/6497/pdf_186 > Acesso em: 09/10/2015.

MCCLURE, F. A; SMITH, L. M. 1967. Gramíneas – Suplemento Bambusáceas. In: Reitz, R. (ed.) Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues.

MOREIRA, K.; SMANIOTTO, L.; VIEIRA DOS SANTOS, M. P.; BUDKE, J. C. Maior Abertura De Dossel Facilita O Desenvolvimento De Merostachys Multiramea Hack. Em Uma Floresta Subtropical Alto Montana. In: Perspectiva. V. 37, p. 57-65, Março/2013. Erechim. Disponível em: < http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/1_341.pdf > Acesso 10/06/2016.

OLIVEIRA, L. de C. C. de. Garimpo Artes Artesanais RS: Saberes e Fazeres. Porto Alegre: s. ed., 2015. Disponível em:< <https://issuu.com/lele31/docs/garimpo-completo-final> > Acesso em: 22/07/2016.

SCHADEN, E. Aspectos Fundamentais Da Cultura Guarani. São Paulo: Corpo e Alma do Brasil, 1962.

SCHWARZBACH, L. L. C. Bambus e Taquaras: Avaliação E Perspectivas De Uso Sustentável. Dissertação. Pós-Graduação em Agronomia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em:< <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/16751> > Acesso em: 08/04/2016.

SCHWARZBACH, L. L. C; NEGELLE, R. R. B. Merostahys Multiramea Haskel: Subsídios Para Potencializar Seu Uso E Sustentabilidade. In: Revista Brasileira de Biociências, v 5, supl 1, p.129-131. Porto Alegre, jul/2007. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/viewFile/154/142> > Acesso em: 08/04/2016.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. Botânica Sistemática: Guia Ilustrado Para Identificação Das Famílias De Angiospermas Da Flora Brasileira Baseado Em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2005.

ZANIN, N.; SATLER, M. Abrigo na Natureza: Construção Mbyá-Guarani, Sustentabilidade e Intervenções Externas. Dissertação de mestrado. Escola de Engenharia. Porto Alegre: PPGE/UFGRS, 2006. Disponível em:<
<http://www.bibliotecadigital.ufgrs.br/da.php?nrb=000600023&loc=2007&l=1b9d8d359918c61d> > Acesso em: 09/10/2015.